

Multiculturalismo, juventude e formação do professor: potenciais para uma discussão sobre a diferença

6

William de Goes Ribeiro*

Resumo: O presente artigo discute possibilidades de articulação da dimensão multicultural na perspectiva do professor e da juventude, analisando implicações para o ensino na escola. Utilizei como fonte o Banco de Teses do *site* da Capes. O objetivo foi pensar como a epistemologia multicultural pode contribuir à identidade juvenil de maneira positiva. O eixo principal da interrogação está na dualidade diferença/igualdade na luta contra preconceitos e estereótipos. A pesquisa indica limites e potenciais nas mudanças curriculares numa perspectiva multicultural crítica. Contudo, a prática monocultural é um problema educacional e social que tem raízes históricas. Concluo que é possível pensar um ângulo multicultural na educação com a juventude. Nesse ponto de vista, uma pista pode ser o papel da pesquisa multicultural na formação do professor e no currículo.

Palavras-chave: Educação. Multiculturalismo. Juventude. Formação do professor. Currículo.

Abstract: The present article discusses possibilities interconnecting dimension multicultural and a perspective Education teacher and youth, analyses implications of teaching in the school. I used Capes Data Thesis site as source. The aim was to think how the multiculturalism can contribute to the construction of juvenile identity in a positive manner. The main axis of interrogation is the duality difference-equality and the fight against prejudices and stereotypes. The research indicates limits and potentials in the curriculum challenges in a critical multicultural perspective. However, the monocultural practice is an educational and social problem, which has historical roots. Thus, ended up that is possible think about one multicultural angle in the Education with the youth. In the view, one the scent can be in the role of research multicultural in Education Teacher formation and in the curriculum.

Keywords: Education. Multiculturalism. Youth. Teacher's training. Curriculum.

* Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Rio de Janeiro (PPGE/UFRJ). Professor substituto na FFP/UERJ. *E-mail:* williamgribeiro@yahoo.com.br.

Introdução




O multiculturalismo pode ser entendido como um corpo teórico, prático e político de muitos embates. Parte do cenário social que extrapola as discussões acadêmicas e é, inevitavelmente, conflituoso. Não entendido como um bloco homogêneo, ele se interliga ao contexto global em que se questiona, de inúmeras formas, o caráter etnocêntrico sobre o qual se baseia o projeto de modernidade.

Desse modo, ciência e educação escolar são postas em xeque, vistas sob a suspeita de apresentar um caráter historicamente monocultural, unilateral e pretensamente universal. Levando em consideração o exposto, perspectivas multiculturais originam-se de uma pluralidade de lutas políticas que podem ser estimuladas por ordens de fatores também plurais: equidade, reconhecimento, apropriações, respeito, acessibilidade, permanência, inclusão, dentre outras reivindicações.

A partir dessas considerações, movidos por um sentimento contra a discriminação, autores do campo educacional buscam traduzir o multiculturalismo para o currículo e para a formação do professor. Através de um projeto sempre inacabado, almejam atingir uma educação multicultural, condizente com a realidade vivida pelos atores sociais envolvidos, desafiando preconceitos e atendendo à premissa de que todos são importantes no espaço escolar. (MCLAREN, 1997, 2000; CANEN, 2007; CANDAU, 2008; MOREIRA; CÂMARA, 2008).


Nessa discussão, tomando a produção do conhecimento a partir de teses e dissertações relevantes para o debate, destaco uma questão de interesse, haja vista que a categoria “juventude” se configura como uma das ferramentas para se repensar o atual momento de incomunicabilidade entre a escola e os sujeitos (CARRANO, 2008): em que medida a formação do professor – central na discussão que envolve a instituição escolar – incorpora a juventude numa perspectiva multicultural? Ou seja, até que ponto essa formação leva em consideração a identidade juvenil nas escolas públicas brasileiras, orientada pelo desafio a preconceitos, discriminações e estereótipos?

Há uma dupla relevância no presente estudo: discuto possíveis caminhos para soluções acerca da incomunicabilidade presente nas escolas brasileiras e a ampliação de uma visão rotulada de que “o aluno não deseja aprender”, “não quer nada”, etc., muitas vezes propagada e que deve ser debatida e combatida nos espaços de formação de professores.




Assim sendo, estruturei o presente estudo da seguinte forma: num primeiro momento, destaco aspectos metodológicos. Posteriormente, saliento o quadro teórico através do qual teço análises acerca da referida pesquisa. Ademais, resalto as dimensões quantitativas para, em seguida, partir em busca dos sentidos captados nos resumos. Por fim, busco alguns caminhos que nos apontam, longe de esgotar o assunto, considerações e recomendações, ainda que provisoriamente.

Em destaque os aspectos metodológicos



Para os procedimentos e o desenvolvimento deste estudo optei por uma pesquisa qualitativa que, na concepção de Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (1998) segue uma tradição interpretativa em que a subjetividade dos sujeitos interfere nos significados a serem estudados. Utilizei a análise documental (CANEN, 2003) como instrumento para a coleta de dados. Segundo Caulley, citado por Lüdkle e André (1986), essa análise busca identificar informações de interesse nos documentos a partir de questões e/ou hipóteses.

Levado em consideração o exposto, foram analisados os resumos das dissertações e das teses cujo “assunto” envolvesse “formação do professor” e “juventude”. Uma busca foi realizada no Banco de Teses da Capes, a partir do endereço eletrônico que disponibiliza esses resumos e o período pesquisado considerou os estudos publicados entre 1987 e 2007. Nele, encontramos disponíveis para procura os descritores “autor”, “assunto”, “instituição”, “nível” e “ano”. Lancei algumas categorias no campo “assunto”, sem me preocupar com os demais descritores, pois desejava englobar todos os demais.



A construção provisória do olhar multicultural

Na presente seção, destaco alguns teóricos com os quais teço interlocuções paradigmáticas, envolvendo a categoria “juventude” numa perspectiva multicultural. Primeiramente, cabe salientar a necessidade de explicitar a concepção do termo *multiculturalismo*, que adoto para esta pesquisa. Diversos autores ressaltam a polissemia do termo, envolvendo concepções que vão desde os aspectos conservadores até os mais críticos (CANEN; MOREIRA, 2001; CANEN; OLIVEIRA, 2002; CANDAU, 2008). Pretendo pontuar algumas das distinções entre essas abordagens.



De acordo com Kincheloe e Steinberg apud Canen e Moreira (2001, p. 20), “o multiculturalismo significa tudo e ao mesmo tempo nada”. Essa assertiva já nos impõe a necessidade de nos situarmos. Nesse sentido, Candau (2008) ressalta que o multiculturalismo pode ser entendido de maneira descritiva e/ou prescritiva. Assim, dentro do primeiro aspecto, está a condição das sociedades contemporâneas, ou seja, nosso olhar estaria voltado para o fato de que vivemos em sociedades multiculturais. Já o segundo volta-se à maneira de atuar, de intervir na pluralidade cultural. Caso pensemos dessa maneira, buscaremos respostas à questão a seguir: Como lidar com a diversidade cultural? A partir disso, seguindo a referida autora, chegaremos a concepções diversas, tais como:

- a) *assimilacionista*, que busca a inclusão de todos em padrões universais;
- b) *diferencialista*, quando reconhece a diferença através do entendimento que é necessário criar espaços públicos específicos para determinados grupos, o que, conseqüentemente, pode ocasionar segregações sociais;
- c) *interacionista* ou *interculturalidade*, perspectiva defendida pela referida autora, pensada através de valores democráticos, articulando políticas de igualdade com políticas de identidade.

Sendo assim, defende a autora

uma educação para o reconhecimento do “outro”, para o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais. Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente incluídas. (CANDAU, 2008, p. 23).

Candau (2008) contribui para pensarmos a interculturalidade como uma forma de significar o multiculturalismo. A partir de suas discussões, destaca-se a relação empática ao “outro”, o que não equivale a deixar de problematizar quem é esse “outro”, não o conduzindo de forma fixa e dogmatizada. Nesse sentido, ao refletir sobre a escola,


concordo com a referida autora quando afirma que o momento “exige desvelar o caráter histórico e construído dos conhecimentos escolares e sua íntima relação com os contextos sociais em que são produzidos”. (p. 33).

Não obstante, Moreira e Câmara (2008) conduzem a discussão tendo como cerne as implicações na prática pedagógica. Nessas, assinalam que o multiculturalismo é um tema indispensável. O seguinte trecho ilustra a afirmação anterior, através da qual se percebem possibilidades de intervenção no espaço escolar tendo como preocupações as questões já informadas no presente texto: “Podemos sensibilizar nosso/a aluno/a para o caráter multicultural de nossa sociedade, para a urgência do respeito ao outro, para a percepção e o questionamento dos fatores que têm provocado e justificado preconceitos e discriminações”. (p. 46). Nesse horizonte, salientam a necessidade de:

- a) procurar aumentar a consciência das situações de opressão que se expressam em diferentes espaços sociais;
- b) propiciar ao/à estudante a aquisição de informações referentes a distintos tipos de discriminação e preconceito;
- c) estimular o desenvolvimento de uma imagem positiva dos grupos subalternizados;
- d) favorecer a compreensão do significado e a construção de conceitos que têm sido empregados para dividir e discriminar indivíduos e grupos, em diferentes momentos históricos e em diferentes sociedades;
- e) facilitar ao/à estudante a compreensão e a crítica dos aspectos das identidades sociais estimulados pelos diferentes meios de comunicação;
- f) propiciar ao aluno a possibilidade de novos posicionamentos e novas atitudes que venham a caracterizar propostas de ação e intervenção;
- g) articular as diferenças.

Através do exposto e pensando a identidade juvenil em sua pluralidade, destaco os seguintes questionamentos: Em que medida os diferentes interesses juvenis são ou não articulados na formação do professor e na escola? Até que ponto o jovem pode vivenciar a experiência de ser jovem no espaço escolar?

Questões como essas estão sendo colocadas por autores que enfrentam o desafio da incomunicabilidade, vendo o jovem na escola



para além da categoria “aluno”. Inferem, esses pesquisadores, que há a necessidade de se compreender a juventude para além da experiência dos tempos de estudante que trazem professores, diretores, etc. Além disso, os jovens possuem várias redes de socialização que precisam ser discutidas no campo educacional, o que equivale à inclusão/resgate urgente de uma sociologia não escolar da escola. (SPOSITO, 2003; CARRANO, 2008).

Ainda que não discutam especificamente o multiculturalismo na juventude e no espaço escolar, percebo aproximações entre os estudos que possuem como foco a juventude e a concepção multicultural dos pesquisadores priorizados no presente estudo. Dessa forma, pensei o diálogo entre eles/elas. Nesse horizonte, Canen et al. (2001) dão uma relevante contribuição com a ideia de *potencial multicultural* que pode ser pensado a partir de uma pesquisa, atividade pedagógica e/ou outra prática discursiva.

Ao passo que realizavam um “estudo da arte” no campo, os referidos autores percebiam trabalhos que não tratavam do tema, porém se aproximavam de questões multiculturais, desafiando a discriminação, por exemplo. Desse modo, poder-se-ia utilizar o conceito *potencial multicultural* para os estudos juvenis citados, pois esses buscam superar os preconceitos direcionados ao jovem, assim como o congelamento identitário do mesmo.

Com o mirante postado num lugar em que era possível vislumbrar tanto os aspectos que concernem à juventude quanto à pluralidade cultural, foram analisadas as teses e dissertações a seguir, através dos resumos apreendidos por meio do endereço eletrônico da Capes. Dessa maneira, procurei identificar em um dos espaços de legitimação do conhecimento, no campo da formação do professor, estudos que tiveram como foco a identidade juvenil, haja vista os potenciais multiculturais já anteriormente mencionados.

A juventude nos trabalhos acadêmicos de formação de professores

Na presente seção, pretendo expor os dados de ordem quantitativa que revelam um mapeamento provisório dos estudos referidos. Separadamente, exponho os quadros referentes à juventude e à formação do professor, subdivididos em algumas categorias de interesse: educação, escola, formação do professor, currículo, cultura, multi/interculturalismo, respectivamente.

Posteriormente, a partir da subdivisão “juventude” + “formação do professor”, destaco algumas das temáticas específicas que se relacionam ao multi/interculturalismo: raça, etnia, sexualidade, identidade e diferença. Saliento, por fim, os dados acima, por regiões brasileiras e por ordem cronológica.

A tabela 1, percebemos que de um total de 1.242 teses e dissertações envolvendo juventude, somente 332 se referiram à educação (26%), e 305, à escola (24,6%). Já “formação do professor” e “currículo” apresentam números bem próximos e quantitativamente muito pequenos, 25 e 26 menções cada (2 %) dos trabalhos. Ademais, ainda que “cultura” tenha tido 331 pesquisas (26,7%), o multi/interculturalismo não ultrapassa 0,2%. Por outro ângulo, a tabela 2 revela que de 9.463 estudos envolvendo “a formação do professor”, “juventude” representa apenas 0,3% dessas pesquisas. O multi/interculturalismo apresenta poucos estudos na formação do professor.

Tabela 1 – Número total de trabalhos sobre a temática *juventude*

Fonte: Capes – Banco de Teses e Dissertações.

Categorias	Quantitativo	Percentual
Educação	332	26,0
Escola	305	24,6
Formação de professor	25	2,0
Currículo	26	2,1
Cultura	331	26,7
Multi/interculturalismo	03	0,2
Total	1.242	100

Tabela 2 – Número total de trabalhos sobre a temática *formação do professor*

Fonte: Capes – Banco de Teses e Dissertações.

Categorias	Quantitativo	Percentual
Educação	6.070	64,1
Escola	5.499	58,1
Juventude	25	0,3
Currículo	2.128	22,5
Cultura	1.316	13,9
Multi/interculturalismo	49/53	0,5/0,6
Total	9.463	100

A tabela 3 prioriza as pesquisas que relacionam “juventude” com a “formação do professor” (25 estudos). Esse vai ao encontro da informação adquirida na primeira tabela de que o multi/interculturalismo não aparece em muitos estudos relacionados à juventude e à formação do professor. Algumas de suas principais categorias (raça, etnia, sexualidade, identidade e diferença) aparecem em pouquíssimos trabalhos quando discutidos nesse recorte específico. Raça, etnia e sexualidade, por exemplo, não apresentam sequer uma única pesquisa.

Tabela 3 – Número total de trabalhos sobre a temática *juventude* na *formação do professor* (Categorias de Referência)

Fonte: Capes – Banco de Teses e Dissertações.

Categorias	Quantitativo	Percentual
Raça/Etnia	-	0
Gênero	03	12
Sexualidade	-	0
Identidade	03	12
Diferença	02	8
Total	25	100

Podemos perceber nas tabelas 4 e 5, a seguir, que mais da metade dos estudos se concentram nas Regiões Sul e Sudeste. Destaca-se que na Região Norte não foi possível apreender nenhum estudo que relacionasse juventude e formação do professor. Além disso, o tema, surpreendentemente, revela-se extremamente recente, pois quase a totalidade dos estudos concentra-se nos três últimos anos (de 2005 a 2007).

Tabela 4 – Número total de trabalhos sobre as temáticas *juventude e formação do professor* por região

Fonte: Capes – Banco de Teses e Dissertações.

Juventude / Formação do professor	Região Norte	Região Nordeste	Região Centro-Oeste	Região Sudeste	Região Sul
Quantitativo	—	5	3	11	6
Percentual	0	20	12	44	24




Tabela 5 – Número total de trabalhos sobre as temáticas *juventude e formação do professor* por ordem cronológica

Fonte: Capes – Banco de Teses e Dissertações.

Juventude / Formação do professor	ATÉ 2000	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007
Quantitativo	4	-	-	1	-	2	6	3	9
Percentual	16	-	-	4	-	8	24	12	36


Em busca dos sentidos através do olhar multicultural: O que dizem os estudos sobre juventude?

Na presente seção, saliento uma breve análise dos dados obtidos nos resumos mencionados, relacionando-os ao multiculturalismo. Em um primeiro momento, busquei investigar nos 25 resumos (juventude + formação do professor) as perspectivas multiculturais sugeridas por Candau (2008): assimilacionista, diferencialista e interacionista, já delineadas em seção teórica deste estudo. Além disso, observei as sugestões de Moreira e Câmara (2008) no que se refere à juventude e à forma como a formação do professor lida com a diversidade cultural.




Sete dos 25 estudos foram descartados, pois se voltavam à formação docente sem relação direta com a categoria *juventude*, sobrando apenas 18. Metade desses (9), se aproximava da perspectiva assimilacionista, ou seja, conforme Candau (2008), lidam com a diversidade cultural como uma forma de desafio para alcançar o padrão universal. Foi possível identificar um estudo que se enquadrava na descrição de Candau (2008) como diferencialista e 7 como interacionistas. Cabe lembrar que, a partir do quadro teórico sugerido, numa abordagem diferencialista, se reconhecem diferenças, devendo respeitá-las. Porém, as mesmas são compreendidas de forma segregada. Já numa abordagem interacionista, há uma busca de articulação entre políticas de diferença e políticas de identidade. Isto é, procuram-se articular posicionamentos oriundos de culturas distintas.

O trecho a seguir exemplifica a primeira abordagem:



O tema “juventude” foi abordado como uma categoria social, com suas dificuldades próprias de participação na sociedade. Constatamos que os alunos têm poucas perspectivas de realizar suas expectativas devido à fraca formação escolar recebida, por não estarem preparados adequadamente para disputar vagas no ensino superior público e por participarem da acirrada disputa por um lugar no mundo do trabalho, em consequência da redução dos postos de trabalho e das exigências de mais formação escolar do trabalhador. (NASCIMENTO, 2002, s/p.).



De acordo com o autor anteriormente citado, são necessárias determinadas condições para que a “função” (única?) da educação escolar se concretize, isto é, “preparar” o(a) jovem para que ele/ela “participe” da sociedade e tenha uma “oportunidade” no mercado de trabalho. No mesmo estudo, podemos ver que o foco centra-se no “nível de ensino por considerar que os jovens alunos são os mais vulneráveis às dificuldades decorrentes da fase atual de ajustes do capitalismo”. (s/p.).

Foi possível identificar uma abordagem que traz uma lógica “assimilacionista às avessas”. Almejando a “emancipação”, o mencionado autor parece depositar na juventude uma esperança para se atingir a transformação social (sem considerar as suas vozes?):



Analisando as relações entre o jovem, o tempo livre e o lazer na era da máquina programável sob hegemonia do sistema do capital, o estudo salienta o papel da juventude na luta pela transformação da ordem social, vendo nas manifestações culturais do tempo livre uma importância estratégica no processo de educação emancipatória e defendendo seu espaço nos projetos democráticos e populares. (SILVA, 2005, s/p.).

Por outro ângulo, podemos exemplificar a abordagem interacionista através dos seguintes trechos:

O trabalho partiu de uma perspectiva afirmativa que pretendeu dar visibilidade à diversidade/pluralidade das expressões juvenis, em diferentes contextos e experiências, e possibilitar novas relações intergeracionais no espaço da escola. (GRANDOLFO, 2006, s/p.).

O tema da presente pesquisa é a influência da cultura de rua no cotidiano escolar, estudada através de fragmentos narrativos de uma professora de escola pública que focalizam as fronteiras/limites da rua e da escola na ótica da juventude de periferia da cidade de Campinas, tomando como eixo para sua visada o movimento Hip Hop e a cultura produzida no entorno da escola: sua arte e valores, buscando partilhar experiências de ressignificação e inclusão no espaço escolar para a juventude que não se sente reconhecida nesse espaço. (CAMPOS, 2007, s/p.).

Nelas, identifico uma visão que busca incorporar as necessidades do grupo sociocultural juvenil, também como um elemento plural que abarca outras identidades, por exemplo: etnia, raça, orientação sexual, gênero, dentre outras. (CANEN, 2007; CANDAU, 2008). Os referidos estudos estão apontando para o diálogo e para um olhar do jovem para além da categoria “aluno”, adentrando em seu universo de socialização que não termina na escola. (CARRANO, 2008).

No entanto, de todos os itens destacados por Moreira e Câmara (2008), somente um foi mencionado (letra e). Trata-se de um debate através do qual se questiona o fato de a escola pouco levar a mídia televisiva para uma discussão com os alunos(as). Os demais itens não foram encontrados, revelando a ausência de temas como preconceito, discriminação, sistemas de opressão, dentre outros, na produção das pesquisas que relacionam juventude e formação docente. Porém, cabe salientar que a própria produção apresenta-se muito insuficiente, com somente 18 trabalhos, diante da complexidade das questões.

À guisa de considerações finais

O atual estudo trouxe uma discussão, de caráter preliminar, sobre o espaço da categoria *juventude* na formação docente, sob o olhar do multiculturalismo. O objetivo foi investigar essa dimensão, haja vista que, para o referido campo, *juventude* é uma das categorias carregadas de representações negativas. A incomunicabilidade entre jovens e professores é notória nesse sentido. Busquei, não obstante, ir além da visão de culpabilidade que parece atravessar o cotidiano da escola.

Nesse horizonte, os dados revelaram que o debate sobre juventude é assunto muito recente para a formação do professor e que, portanto, essa discussão tem sido feita em outro lugar, isto é, pouco se discute juventude na formação do professor. Menos ainda quando o assunto se aproxima do debate da diversidade cultural. Por quê? Que consequências essa ausência traz? São questões que merecem mais reflexões e aprofundamento teórico.

Esses fatos revelam ainda a necessidade de se compreender as relações plurais e complexas que ocorrem no cotidiano escolar, buscando refletir soluções em conjunto (professores, pesquisadores e professores-pesquisadores) para problemas que parecem acarretar mais incomunicabilidade no espaço escolar. Trata-se de um lugar condenado ao desentendimento?

Evidentemente, não. Somente em 2005 intensificaram-se esses trabalhos, que ainda são poucos. Porém, esses apontam à possibilidade de uma crescente produção para os próximos anos. Ademais, cabe mencionar que esses estudos carecem de um maior aprofundamento nas questões que foram o multiculturalismo. O debate que insere a formação do professor não pode se permitir, a meu ver, excluir aspectos que têm levado a essa não comunicação entre jovens e professores. Mais ainda: também não se pode permitir excluir fatores que têm levado a sociedade, o currículo e os sujeitos a construir identidades racistas, homofóbicas, machistas, aporofóbicas, de espécie, dentre outras formas de negação da alteridade.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. *O método nas ciências naturais e sociais*: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira, 1998.

CAMPOS, C. M., Rua e escola: hip hop como movimento dos sem vez. Resumo da dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Campinas. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>>. Acesso em: 18/1/2010.

CANAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANAU, Vera Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13- 37.

CANEN, A. Metodologia da pesquisa: abordagem qualitativa. In: SALGADO, Maria Umbelina Caiafa; MIRANDA, Glaura Vasques de. *Veredas: Formação Superior de Professores – Módulo 4*. Belo Horizonte, 2003. p. 216-238. v. 1.

_____. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. *Comunicação e Política*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 91-107, 2007.

_____; ARBACHE, A. P.; FRANCO, M. Pesquisando multiculturalismo e educação: o que dizem as dissertações e teses. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 161-181, jan./jul. 2001.

_____; MOREIRA, A. F. B. Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente. In: CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. (Org.). *Ênfases e omissões no currículo*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 15- 44.

_____; OLIVEIRA, Ângela M. A. de. Multiculturalismo e currículo em ação. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 2, p. 61-74, set./dez. 2002.

CARRANO, P. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANAU, Vera Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 182- 211.

GANDOLFO, M. A. P. Formação de professores do Ensino Médio e (in)possibilidade de experiências de protagonismo juvenil 2006. Resumo da dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>>. Acesso em: 18/1/2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, E. D. A. de. *Pesquisa em educação*: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

McLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. Trad. de Bebel Orofino Shaefer. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

MOREIRA, A. F. B.; CÂMARA, M. J. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Org.). *Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 38- 66.

NASCIMENTO, M. N. M. Expectativas educacionais e ocupacionais no contexto do capitalismo contemporâneo: um estudo com alunos do Ensino Médio público – 2002. Resumo da dissertação (Mestrado em Educação – Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>>. Acesso em: 18/1/2010.

SPOSITO, M. P. Uma perspectiva não escolar no espaço sociológico da escola. *Revista USP*, n. 57, p. 210-226, mar./maio 2003.

SILVA, J. A. A. Política do esporte e lazer como educação emancipatória da juventude: contradições e possibilidades das políticas democráticas e populares – 2005. Resumo da tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <<http://capesdw.capes.gov.br/capesdw>>. Acesso em: 18/1/2010.

Recebido em julho de 2009 e aprovado em setembro de 2009.